

Supporting Communities Affected by Floods
AÇÃO SOCIAL EM COMUNIDADES ATINGIDAS

**SOUTH
SUMMIT** BRAZIL
PORTO ALEGRE

Supporting Communities Affected by Floods
AÇÃO SOCIAL EM COMUNIDADES ATINGIDAS

Realização



Parceiros



PLANO RIO GRANDE
Todos nós por todos nós.



regenera RS

Comitê Científico de Adaptação
e Resiliência Climática

Março, 2025

South Summit Brazil

Bruno Breno (Especialista em Startups)

Secretaria de Inovação Ciência e Tecnologia

Sandro Kirst (Diretor Geral Sict)

Antonio Pedro Silva Lima (Assessor Técnico de Gestão e Inovação)

Cleni Silva de Oliveira (Assessora)

Marcelo Lopes Flores (Chefe do RH)

William Rodrigues Joner (Assessor Técnico de Gestão e Inovação)

Luciana Salimen (Chefe de Comunicação)

Vitor (Comunicação)

Comitê Científico de Adaptação e Resiliência Climática

Prof. Joel Avruch Goldenfum (Secretário Executivo)

Profa. Alexandra Cruz Passuello (Assessora Técnica)

Eliana Lagemann Dienstmann (Assessora Administrativa)

Secretaria Extraordinárias de Inclusão Digital e Apoio às Políticas de Equidade

Camila Wasserman (Assessora de Educação)

Central Única das Favelas

Roberto Torres Júnior (Presidente da CUFA RS)

Charlene Borba (Coordenadora Cufa Alvorada)

Cristiane Dutra (Coordenadora Cufa Canoas)

Luciane Brito (Coordenadora de Empreendedorismo e Inovação)

Rafael Silva Oliveira (Coordenador Cufa Eldorado)

Rodrigo Borba (Coordenador Cufa Alvorada)

Usiara Britto (Estatística)

Vitor Dutra Nunes (Comunicação)

Vitória Silveira (Comunicação)

RegeneraRS

Manuela Fonseca Andrade (Coordenadora de Monitoramento, Avaliação e Aprendizagem)

Convidados institucionais

Henrique Souza da Silva (Secretaria da Reconstrução Gaúcha)

Jorge Jacobsen (Prefeitura de Eldorado do Sul)

José Santos Junior (Prefeitura de Canoas)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	METODOLOGIA	6
3	RESULTADOS E ANÁLISES.....	8
3.1	Canoas.....	8
3.1.1	Momento 1 - Memórias do Desastre em Canoas.....	8
3.1.2	Momento 2 – Um olhar para o Futuro de Canoas.....	9
3.1.3	Momento 3 - Priorização de ações da comunidade de Canoas	10
3.2	Alvorada.....	12
3.2.1	Momento 1 - Memórias do Desastre em Alvorada	12
3.2.2	Momento 2 – Um olhar para o Futuro de Alvorada	15
3.2.3	Momento 3 - Priorização de ações da comunidade de Alvorada	16
3.3	Eldorado do Sul	18
3.3.1	Momento 1 - Memórias do Desastre em Eldorado do Sul ..	18
3.3.2	Momento 2 – Um olhar para o Futuro de Eldorado do Sul	19
3.3.3	Momento 3 - Priorização de ações da Comunidade de Eldorado do Sul.....	22
4	SÍNTESE DAS DEMANDAS DAS TRÊS COMUNIDADES.....	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29

1 INTRODUÇÃO

A iniciativa *Supporting Communities Affected by Floods* é uma das ações sociais desenvolvidas no âmbito do South Summit Brazil 2025 e visa criar um espaço de diálogo entre moradores, lideranças comunitárias e especialistas para o desenvolvimento de soluções voltadas à prevenção e mitigação de desastres de origem hidrometeorológica. Por meio da troca de experiências e da formulação de propostas concretas, a ação busca fomentar iniciativas para o fortalecimento da capacidade de resposta aos eventos extremos e colaborar na construção da resiliência climática.

Foram selecionadas 3 comunidades para participarem desta iniciativa: a comunidade do bairro Rio Branco de Canoas; as comunidades dos bairros Americana, Nova Americana e Sumaré de Alvorada; e moradores do município de Eldorado do Sul. As comunidades contempladas nesta iniciativa fazem parte de municípios localizados na Região Metropolitana de Porto Alegre que sofreram impactos significativos com o desastre ocorrido no Rio Grande do Sul no mês de maio de 2024.

Canoas foi um dos municípios drasticamente impactados pelo desastre, com mais de 150 mil pessoas atingidas pela inundação. O município possui grande parte do seu território protegido por um sistema de contenção de cheias, entretanto, constataram-se três pontos de rupturas nos diques existentes, sendo dois deles no dique que protege o bairro Mathias Velho e um no bairro Rio Branco. Os moradores tiveram que abandonar bruscamente suas casas e procurar abrigo em áreas mais elevadas. O território do bairro ficou inundado por mais de 30 dias, aumentando ainda mais os danos e a vulnerabilidade da população.

No município de Alvorada, as comunidades dos bairros Americana, Nova Americana e Sumaré convivem há muitos anos com a recorrência de inundações, devido ao fato de estarem localizados próximos a várzea do Rio Gravataí e adjacentes ao Arroio Feijó. Em função dos grandes volumes de chuvas ocorridos, as cotas de inundação que atingiram essas localidades foram muito superiores àquelas observadas anteriormente, criando uma condição de desespero até mesmo para aqueles moradores que já haviam adaptado suas construções às cheias usualmente recorrentes.

No âmbito do Governo do Estado do Rio Grande do Sul estão em tramitação os preparativos para contratação da revisão do anteprojeto de uma estrutura de contenção de cheias para essa localidade, cujos recursos para obra também já foram disponibilizados pelo Governo Federal. Entretanto, obras desta natureza requerem períodos

prolongados de projeto e de execução, sendo necessário encontrar alternativas para tornar a comunidade mais resiliente até que a medida estrutural esteja em funcionamento.

O município de Eldorado do Sul está localizado entre os rios Jacuí e Guaíba, não sendo atualmente protegido por nenhuma estrutura de contenção de cheias. Devido à sua localização geográfica, Eldorado do Sul é extremamente suscetível às inundações, sendo que parte do seu território convive de forma recorrente com as enchentes. No entanto, os eventos extremos de maio de 2024 afetaram drasticamente o município, atingindo mais de 80% da sua população. As altas cotas de inundação permaneceram por semanas, agravando ainda mais os danos materiais e prorrogando o retorno da população às suas casas. Quase um ano após a tragédia, a cidade ainda luta para se reconstruir. Os impactos do desastre ainda são visíveis por toda cidade, tanto na infraestrutura, com a presença de muitas residências abandonadas, como também na população, que carrega o trauma gerado pela experiência extrema de sobrevivência, além da incerteza relativa à possível ocorrência de novos eventos extremos.

Para o município de Eldorado também já existe a previsão da construção de um sistema de contenção de cheias, que já está com recurso garantido pelo Governo Federal. Entretanto, mesmo que o anteprojeto esteja em fase de revisão para se adequar aos parâmetros hidrológicos da última inundação, até o início e, principalmente, a finalização da obra, a população ainda passará por outros eventos de inundação. Sendo assim, urge a necessidade de recuperar os aspectos psicossociais dos moradores, reestruturar as condições de moradia e estabelecer um planejamento adequado que prepare a população.

O contexto apresentado por este último desastre no Rio Grande do Sul evidencia a necessidade urgente de políticas públicas mais eficazes na gestão de riscos de desastres, em particular aqueles relacionados com ameaças agravadas pelas mudanças climáticas. A recuperação dessas comunidades deve ser estruturada a partir de uma visão transversal, contemplando as diferentes dimensões de vulnerabilidade às quais essas populações estão expostas.

A busca por alternativas para construir resiliência deve obrigatoriamente envolver os diferentes atores da sociedade, incluindo poder público, universidades, sociedade civil organizada e iniciativa privada. Entretanto, para que possíveis soluções sejam articuladas por esses atores é necessário compreender o que o evento adverso ocorrido gerou nos

territórios e na dinâmica social das cidades, das comunidades e, principalmente, na vida de seus moradores.

É nesse contexto que entra a iniciativa *Supporting Communities Affected by Floods*, que buscou reunir moradores das comunidades acima mencionadas, lideranças comunitárias e especialistas para compartilhar experiências sobre os desafios enfrentados durante as enchentes e discutir estratégias para melhorar a resiliência da comunidade. As atividades foram organizadas pelo Comitê Científico de Adaptação e Resiliência Climática e Secretaria de Inovação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, em parceria com: o South Summit Brazil; a Central Única das Favelas do Rio Grande do Sul (CUFA RS); a Secretaria Extraordinária de Inclusão Digital e Apoio às Políticas de Equidade do Rio Grande do Sul (SEIDAPE); e o Fundo Regenera RS.

Os resultados obtidos a partir dos relatos e reflexões promovidas pelos moradores serão sistematizados e levados à Governança do Plano Rio Grande, dando subsídios para alinhamentos com as políticas públicas voltadas à construção da resiliência climática no Estado. Por fim, esta iniciativa reforça o compromisso de inclusão das comunidades afetadas nos debates do South Summit Brazil 2025, promovendo maior visibilidade às demandas das comunidades afetadas.

2 METODOLOGIA

As atividades realizadas nas comunidades dos municípios de Canoas, Alvorada e Eldorado do Sul ocorreram nos dias 13, 14 e 17 de março de 2025, respectivamente. Os encontros foram promovidos no turno da noite de forma a permitir a ampla participação dos convidados.

A mobilização nos municípios foi realizada pela CUFA, que engajou os moradores das comunidades a participarem da iniciativa. O número de convidados ficou limitado a aproximadamente 20 pessoas. Este número foi definido com o objetivo de garantir que todos os presentes tivessem oportunidade de fala durante a realização das atividades. A lista dos participantes de cada uma das comunidades pode ser encontrada nos Anexo I deste relatório.

As atividades tiveram a duração de duas horas, conforme a seguinte programação:

- 18h45 às 19h00 – Recepção aos participantes
- 19h00 às 19h10 – Abertura
- 19h10 às 19h20 – Rodada de apresentações
- 19h20 às 19h25 – Apresentação dos objetivos do encontro
- 19h25 às 19h55 – Momento 1: Memórias do desastre
- 19h55 às 20h10 – Intervalo
- 20h10 às 20h40 – Momento 2: Um olhar para o futuro
- 20h40 às 20h55 – Momento 3: Síntese e priorização
- 20h55 às 21h00 - Encerramento

As fotos representativas dos diferentes momentos dos encontros realizados estão apresentadas no Anexo II deste relatório.

Os encontros foram estruturados metodologicamente para que os resultados fossem obtidos a partir da realização de três momentos principais: (i) Momento 1 - Memórias do desastre; (ii) Momento 2 - Um olhar para o futuro; (iii) Momento 3 - Síntese e priorização.

- i. Momento 1 - Memórias do desastre: Os participantes foram estimulados a compartilhar relatos sobre suas experiências durante a enchente de maio de 2024, evidenciando desafios como perdas materiais e emocionais, dificuldades de evacuação e a ausência de informações adequadas sobre os riscos e procedimentos emergenciais.
- ii. Momento 2 - Um olhar para o futuro: Após uma breve pausa, a conversa foi direcionada para a construção coletiva de soluções. Os moradores foram estimulados a colocar suas percepções sobre quais seriam as medidas essenciais para evitar que a tragédia de 2024 se repita, incluindo sugestões para melhorias na gestão de risco e gerenciamento do desastre, na infraestrutura e na comunicação emergencial, entre outros aspectos considerados importantes pelos participantes.
- iii. Momento 3 - Síntese e priorização: Ao final dos momentos anteriores, foi promovida uma dinâmica de priorização de demandas, na qual os participantes elegeram as prioridades dentro de tudo que foi discutido.

A metodologia adotada garantiu um ambiente participativo, acolhedor e democrático, a partir de uma escuta ativa de sentimentos, percepções, desabafos e vivências. A equipe contou com a figura de um único facilitador, de forma a dar ao grupo uma referência para conexão. À

medida que a facilitação conduzia os participantes ao longo dos momentos do encontro, a equipe de apoio realizou as anotações necessárias para análises posteriores. A íntegra das anotações pode ser encontrada no Anexo III deste relatório.

3 RESULTADOS E ANÁLISES

Os resultados obtidos para cada um dos momentos realizados nos encontros expressam desafios, demandas e prioridades dos participantes para fortalecimento da resiliência nas comunidades.

As prioridades de demandas definidas pelos participantes foram categorizadas de forma a permitir a comparação entre as comunidades e orientar o desenvolvimento de um Plano de Ação para cada uma delas. As categorias selecionadas para essa classificação foram:

- Comunicação e Informação;
- Monitoramento e Alerta;
- Plano de Contingência;
- Educação e Capacitação;
- Governança;
- Infraestrutura;
- Articulação Comunitária.

3.1 Canoas

3.1.1 Momento 1 - Memórias do Desastre em Canoas

O desastre foi marcado por medo, desorientação e falta de informações sobre como agir. De acordo com os moradores, ninguém imaginava que a inundação alcançaria a magnitude à qual chegou. A evacuação foi desorganizada, sem rotas de fuga definidas, deixando muitas pessoas em situação de vulnerabilidade. Houve dificuldades nos resgates devido à falta de equipamentos, além da insegurança nos abrigos e da perda do patrimônio. A comunidade sentiu a ausência de apoio da defesa civil e assistência social. A experiência gerou traumas profundos, empobrecimento e dificuldades na convivência em locais superlotados. Além disso, o contato com as águas contaminadas e problemas sanitários pós-inundação agravaram a situação, resultando em doenças de veiculação hídrica, como a leptospirose.

- **Falta de informação e comunicação ineficaz:** A desorganização das redes de informação e a circulação de desinformação (“fake news”)

foram aspectos muito discutidos. Os moradores relataram que não receberam alertas adequados, o que comprometeu suas decisões sobre evacuação. Essa falta de comunicação também levou a dificuldades no acesso a serviços emergenciais e a demora no socorro das vítimas.

- **Infraestrutura inadequada para desastres:** A fragilidade da infraestrutura urbana foi um fator agravante dos impactos das enchentes na comunidade. Durante o encontro, diversos moradores relataram a ausência de abrigos preparados para receber desabrigados com dignidade e segurança, além da falta de planos de evacuação claros. Os moradores relataram que os resgates que eles tiveram que fazer foram muito difíceis, pois não tinham equipamentos adequados para essa finalidade.

- **Falta de governança e gestão de crises:** Um dos aspectos mais criticados pelos participantes foi a resposta tardia do poder público das diferentes esferas. A falta de coordenação entre os diferentes níveis de gestão resultou em um atendimento precário e em dificuldades na distribuição de recursos. Muitos relataram a ausência de um plano de contingência bem definido, com mapeamento do público mais vulnerável, como crianças e idosos, o que tornou as ações de resgate e assistência mais lentas e ineficazes. Os moradores também relataram o aumento da violência e insegurança quanto ao seu patrimônio e, por fim, a dificuldade que tiveram para o salvamento dos animais de estimação. A CUFA foi apontada como o único apoio que tiveram na comunidade.

- **Falta de preparo de agentes e comunidade:** Os participantes relataram dificuldades em saber como agir no momento do desastre, o que resultou em evacuações tardias e aumento dos riscos. Foram relatados desafios enfrentados na gestão do desastre por parte dos moradores, principalmente em relação às escolhas que tiveram que fazer sobre quem salvar primeiro como crianças, crianças atípicas e idosos.

3.1.2 Momento 2 – Um olhar para o Futuro de Canoas

A população destacou a necessidade de planejamento para evitar tragédias semelhantes. Entre as demandas, destacam-se:

- **Melhorar a infraestrutura de proteção contra cheias:** A comunidade aponta a necessidade de manter um monitoramento da obra de contenção e manutenção da estrutura para que não existam falhas justamente no momento da elevação das águas. Além disso, solicitam a

qualificação da infraestrutura de drenagem, especialmente neste período de recuperação, já que qualquer chuva provoca alagamentos.

- **Melhorar a infraestrutura de apoio à crise:** Os participantes solicitaram a existência de abrigos mais estruturados para que, na necessidade de evacuação, os atingidos possam ser acolhidos em um ambiente com dignidade e segurança.

- **Melhorar a comunicação com a população:** Os moradores demandam que as informações sejam repassadas rapidamente para a população para que eles entendam o que realmente está acontecendo e possam tomar atitudes assertivas no momento da evacuação. Além disso, solicitam o estabelecimento de estratégias para combater a desinformação no momento do desastre.

- **Capacitação para agentes e população:** Os participantes apontam a necessidade de treinamento de gestores e equipes de resgate, para que, no momento da inundação, o atendimento à população seja ágil e eficaz. Também solicitam que exista capacitação dos moradores para que eles entendam mais os riscos aos quais estão expostos e se articulem para atuar coletivamente antes e no momento do desastre. Sob esse último ponto requerem suporte para fortalecimento das redes de apoio comunitário.

- **Melhorar a gestão da crise:** Destacam a necessidade da existência de planos de contingência que definam os procedimentos para evacuação e resgate, indicando onde estão as pessoas com dificuldade de mobilidade ou outras questões que dificultem o salvamento. Apontaram demanda de maior atuação do Procon na fiscalização de preços, visto que foram observados preços abusivos na venda de bens essenciais, como por exemplo, a água.

3.1.3 Momento 3 - Priorização de ações da comunidade de Canoas

As demandas foram organizadas com foco na prevenção e resposta a futuros desastres. Os pontos prioritários incluem a implementação de um Plano de Contingência, sistemas de monitoramento e alerta, qualificação de socorristas e equipes de salvamento, capacitação da população para riscos ambientais, fortalecimento das organizações comunitárias, melhoria na comunicação entre governo e população e a criação de um órgão para fiscalização de obras de contenção e restabelecimento dos sistemas de drenagem.

Abaixo são apresentadas as prioridades de Canoas nas sete categorias estabelecidas previamente.

- **COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

- ✓ Criação de canais diretos de comunicação entre órgãos governamentais e moradores para facilitar a coordenação em desastres.
- ✓ Transparência na divulgação de informações sobre políticas públicas voltadas à prevenção e resposta a desastres.
- ✓ Melhoria da comunicação emergencial para evitar desinformação e garantir que as mensagens cheguem a toda a comunidade.

- **MONITORAMENTO E ALERTA**

- ✓ Implementação de um sistema de alertas multicanais para informar a população em tempo real sobre riscos iminentes.
- ✓ Fortalecimento da parceria entre órgãos públicos e a comunidade para garantir a eficácia do sistema de alertas.

- **PLANO DE CONTINGÊNCIA**

- ✓ Desenvolvimento de um plano de contingência abrangente que inclua rotas de fuga, localização de abrigos seguros e estratégias de evacuação.
- ✓ Mapeamento e cadastramento de pessoas em situação de vulnerabilidade, incluindo idosos, crianças, pessoas com mobilidade reduzida e crianças atípicas.
- ✓ Definição de protocolos para situações emergenciais, garantindo respostas ágeis e coordenadas.

- **EDUCAÇÃO E CAPACITAÇÃO**

- ✓ Realização de campanhas educativas sobre os riscos associados a desastres naturais e medidas preventivas.
- ✓ Capacitação da população para reconhecer sinais de alerta e adotar práticas seguras em momentos de crise.
- ✓ Treinamento de moradores e voluntários para atuarem como socorristas comunitários em emergências.

- ✓ Preparação contínua das forças de segurança, assistência social e saúde para atuarem em desastres naturais.
- **GOVERNANÇA**
 - ✓ Criação de um organismo responsável pela manutenção e fiscalização das obras de contenção de cheias (diques).
 - ✓ Integração de diferentes níveis de governo na gestão de crises, garantindo respostas rápidas e eficazes.
 - ✓ Definição de responsabilidades claras entre governo, empresas e sociedade civil para garantir a segurança da população.
- **INFRAESTRUTURA**
 - ✓ Restabelecimento da infraestrutura de drenagem urbana comprometida após as enchentes de 2024.
 - ✓ Implementação de soluções sustentáveis para o escoamento de águas pluviais, reduzindo riscos de novas inundações.
 - ✓ Monitoramento contínuo das estruturas de contenção para evitar falhas que possam agravar situações como a observada na inundação.
 - ✓ Qualificação de infraestrutura para operações de salvamento, incluindo aquisição de equipamentos adequados.
- **ARTICULAÇÃO COMUNITÁRIA**
 - ✓ Fortalecimento das organizações comunitárias para ampliar o engajamento da população nas ações de resposta.

3.2 Alvorada

3.2.1 Momento 1 - Memórias do Desastre em Alvorada

As comunidades dos bairros Americana, Nova Americana e Sumaré enfrentaram uma situação de extrema vulnerabilidade, marcada pela desorientação sobre o momento certo de evacuação e pela ausência de informações oficiais. O apoio veio majoritariamente dos próprios moradores e da CUFA. O desastre resultou em perdas significativas de moradias e negócios, além de um forte impacto emocional. A falta de planejamento e de um plano de contingência adequado foi um dos fatores

que mais agravou a situação. A população também sofreu com a ausência de segurança, dificuldade de acesso a recursos básicos (água e energia elétrica por mais de 20 dias) e um atendimento deficiente por parte da defesa civil. Além disso, o desastre expôs a desassistência pública de longa data e a falta de infraestrutura adequada para minimizar os impactos das inundações recorrentes.

- **Dificuldades no socorro:** A falta de uma resposta rápida e eficiente da Defesa Civil foi um dos maiores desafios mencionados. A ausência de equipamentos adequados para o resgate fez com que muitas pessoas ficassem isoladas e vulneráveis por horas, ou até dias, dependendo da região afetada. Muitas vezes, a ação de terceiros se mostrou essencial, já que moradores, vizinhos e voluntários tiveram que se organizar para salvar vidas e fornecer socorro imediato. Isso evidencia a necessidade de um planejamento de resposta mais eficiente por parte do poder público, com mais recursos e treinamento especializado.

- **Perda de referência:** Outro ponto que gerou angústia foi a sensação de desorientação vivida pelos moradores ao saírem de suas casas. A enchente destruiu não apenas propriedades, mas também referências familiares e de convivência social, deixando muitos sem saber para onde ir ou o que fazer. A falta de informação clara sobre como agir em situações de desastre causou muita confusão e pavor entre os moradores. A sensação de estar perdido foi um fator importante, tornando a recuperação emocional ainda mais difícil.

- **Medo e insegurança:** A insegurança gerada pela enchente não se limitou à destruição das casas. Muitos moradores relataram ter vivido sob vigilância constante, com medo de saques e roubos em meio ao caos. A sensação de vulnerabilidade foi intensificada pela ausência de policiamento ou presença constante das autoridades para garantir a segurança. Isso refletiu a necessidade de planos de segurança que incluam a proteção da comunidade e da propriedade em tempos de crise.

- **Impacto emocional:** A dor emocional foi um dos aspectos mais profundos dos relatos. Além de perderem bens materiais, muitos enfrentaram a dor de ver suas casas destruídas, suas memórias desfeitas e, em casos mais graves, de perder familiares e amigos. O impacto psicológico de ver tudo o que construíram ao longo de uma vida ser arrasado em questão de horas é algo que permanece por muito tempo, e a recuperação emocional, muitas vezes, é ignorada nos planos de socorro.

- **Ausência do poder público:** A ausência do poder público foi um tema constante nos relatos. Não havia acesso rápido a benefícios sociais.

A falta de uma estrutura organizada antes, durante e depois da enchente foi uma falha crítica, já que a população precisou contar com a solidariedade de iniciativas de organizações não governamentais (ONGs), como a CUFA, para conseguir alimentos e outros tipos de assistência. Isso demonstra uma falta de planejamento e integração entre os órgãos responsáveis para garantir um atendimento contínuo e efetivo à população.

- **Falta de condições dignas pós-desastre:** Embora houvesse abrigos para receber as vítimas, muitos relatos destacaram a falta de condições mínimas de dignidade nesses espaços. As pessoas ficaram abrigadas sem energia elétrica, sem acesso a cuidados médicos adequados e com a saúde debilitada devido às condições insalubres. A dificuldade de comprovar a situação de vulnerabilidade social para garantir benefícios também foi um ponto de frustração, já que o processo se mostrou demorado, humilhante e repleto de obstáculos burocráticos. As vítimas sentiam que sua condição de necessidade não era reconhecida de forma justa.

- **Resistência em sair de casa:** Por mais que as casas estivessem inundadas, muitos moradores relataram uma resistência em deixar suas casas devido à falta de confiança nas alternativas de abrigo oferecidas. Além disso, a dificuldade em encontrar ajuda adequada do poder público fez com que muitas pessoas dependessem exclusivamente de iniciativas comunitárias para sobreviver. A CUFA, por exemplo, desempenhou um papel crucial ao fornecer alimentos, ajuda médica e apoio emocional. Isso reflete a importância de fortalecer ações comunitárias para garantir que as pessoas se sintam acolhidas e seguras, mesmo quando as autoridades falham em oferecer suporte imediato.

- **Desamparo dos mais vulneráveis:** O desamparo dos mais vulneráveis também foi uma preocupação central nos relatos. Idosos, crianças e pessoas com deficiência não receberam o suporte adequado durante e após a enchente. A falta de estrutura para garantir que esses grupos recebessem atenção especial, como cuidados médicos, alimentação adequada e transporte seguro, expôs ainda mais as desigualdades existentes. O desastre afetou desproporcionalmente as populações mais vulneráveis, evidenciando a necessidade de políticas públicas mais inclusivas e que considerem as necessidades específicas de cada grupo.

- **Falta de informação e comunicação ineficaz:** A falta de informação sobre o que estava acontecendo foi um grande problema apontado pela comunidade. As pessoas não compreendiam a dinâmica da elevação das águas e ficaram inseguras quanto ao momento adequado para sair de casa. Relataram que as únicas informações que recebiam eram de vizinhos e não dos responsáveis institucionais pela gestão do desastre. A grande maioria dos presentes ressaltou que não imaginou que o desastre seria da proporção que aconteceu.

3.2.2 Momento 2 – Um olhar para o Futuro de Alvorada

A comunidade destacou a necessidade urgente de ações estruturantes e organizacionais para prevenir e minimizar os impactos de futuros desastres. Foram identificadas demandas nas seguintes áreas:

- **Melhorar a infraestrutura:** Na concepção dos participantes é necessário realizar a dragagem de arroios e realizar limpeza eficiente e constante do sistema de drenagem. Requerem construção de dique de proteção, apontando necessidade de atenção a macro e micro drenagem, citando inclusive a utilização de pavimentos permeáveis. Apontaram também a necessidade de se fazer uma gestão hídrica para balancear os períodos de cheias e estiagens. Os moradores pedem também a disponibilização de equipamentos básicos de socorro, como barcos, coletes e materiais para primeiros atendimentos. Por fim, demandam que a estrutura dos locais de abrigo também seja adequada para receber a população de forma digna.

- **Desenvolver um planejamento para resposta aos desastres:** Apontam a necessidade de implementação de um plano de contingência eficiente que ande em paralelo com o monitoramento da hidrologia e existência de alertas eficientes (sonoros e visuais) para avisar a população com antecedência sobre a iminência de inundações, permitindo uma reação mais rápida e organizada. Requerem que o plano contenha definição de rotas de fuga, ponto de encontro, existência de ponto focal e estabelecimento prévio de locais adequados para abrigamento. Apontam também a necessidade de qualificar a capacitação das equipes de socorristas.

- **Capacitar e melhorar a conscientização na população:** treinamento da população sobre gestão de riscos, primeiros socorros e fortalecimento das redes comunitárias (como os NUPDEC - Núcleos Comunitários de Proteção e Defesa Civil). Defendem que se promova trabalho de conscientização ambiental com a população para saber como

lidar com a gestão de resíduos. Sugerem que esta conscientização inicie por trabalho nas escolas direcionados aos alunos e familiares. Também foi ressaltada a necessidade de capacitação de gestores públicos e técnicos para melhorar a prevenção e resposta aos desastres.

- **Garantia de proteção e assistência à população:** Solicitam a criação de um posto de saúde na comunidade para atendimento emergencial e acompanhamento dos impactos físicos e psicológicos decorrentes das inundações. Também demandam apoio contínuo para se recuperarem, tanto em relação à saúde mental, quanto ao suporte financeiro e garantir a manutenção dos empregos. A ajuda a população deve chegar para todos, incluindo as pessoas diretamente e indiretamente atingidas. Desenvolvimento de soluções de renda para a população local, como a criação de programas de geração de trabalho e apoio à economia local, para melhorar a qualidade de vida da comunidade e reduzir a vulnerabilidade econômica pós-desastre.
- **Atenção aos animais:** Os participantes apontam a necessidade de atenção e gestão dos animais, incluindo a existência de abrigo para o desastre e programa de castração.

3.2.3 Momento 3 - Priorização de ações da comunidade de Alvorada

A população priorizou a recuperação da infraestrutura hídrica, implementação de um sistema de monitoramento e alerta, qualificação das equipes de resposta, capacitação da comunidade para lidar com desastres e fortalecimento da organização comunitária (NUPDEC). Também destacaram a importância da gestão de resíduos, políticas de prevenção e a criação de um plano de contingência detalhado, com monitoramento de vulneráveis e definição de rotas de fuga.

Abaixo são apresentadas as prioridades da comunidade de Alvorada nas sete categorias estabelecidas anteriormente.

- **MONITORAMENTO E ALERTA**

- ✓ Implementação de sistemas eficientes de aviso antecipado por diferentes meios de comunicação, incluindo sinais sonoros e visuais.

- **PLANO DE CONTINGÊNCIA**

- ✓ Elaboração de plano de contingência completo;

- ✓ Estabelecimento de rotas de fuga para uma evacuação segura;
- ✓ Mapeamento de grupos vulneráveis para agilizar a evacuação no desastre;
- ✓ Criação de abrigos adequados e com capacidade para abrigar a comunidade.
- ✓ Gestão dos animais: organização e cuidado de animais com e sem tutores durante as emergências.
- **EDUCAÇÃO E CAPACITAÇÃO**
 - ✓ Treinamento da população, gestores públicos e equipes de resposta para melhorar a resiliência comunitária.
 - ✓ Capacitação e incentivo à reciclagem, gestão de resíduos e estratégias de armazenamento hídrico para minimizar os impactos das secas e enchentes.
- **ARTICULAÇÃO COMUNITÁRIA**
 - ✓ Estruturação dos Núcleos de Proteção e Defesa Civil (NUPDEC) para organizar a primeira resposta dentro da comunidade.
- **INFRAESTRUTURA**
 - ✓ Limpeza e dragagem para desassoreamento dos corpos hídricos;
 - ✓ Melhorias no sistema de drenagem pluvial para melhorar escoamento das águas;
 - ✓ Criação de um posto de saúde para atendimento para emergências e acompanhamento da saúde dos moradores afetados.
 - ✓ Ajustes no fornecimento de energia elétrica conforme o nível da água, para evitar curtos-circuitos ou acidentes, além de providenciar fontes de energia alternativas em áreas afetadas.
- **RECUPERAÇÃO ECONÔMICA**
 - ✓ Criação de programas de geração de trabalho e apoio à economia local.
- **RECUPERAÇÃO PSICOSSOCIAL**
 - ✓ Apoio contínuo na saúde mental

3.3 Eldorado do Sul

3.3.1 Momento 1 - Memórias do Desastre em Eldorado do Sul

O desastre ocorrido em maio de 2024 em Eldorado do Sul deixou marcas profundas na população, que enfrentou perdas, medo, insegurança e uma intensa sensação de abandono. O primeiro momento da escuta comunitária buscou registrar as memórias dos moradores sobre o que viveram durante a enchente, destacando os maiores desafios enfrentados. Os relatos evidenciaram a falta de informação e preparação para lidar com a tragédia, a dificuldade de evacuação, a desorganização no resgate e a dor da separação de familiares e amigos. Além disso, foram mencionadas questões como o impacto psicológico, a insegurança nos abrigos, a criminalidade e a ausência de apoio eficiente do poder público.

A seguir, são apresentados os principais desafios relatados pelos moradores, trazendo uma visão detalhada do caos vivido durante a catástrofe e da necessidade urgente de mudanças para evitar que a história se repita.

- **Falta de informação e comunicação:** Muitas pessoas não acreditaram nos alertas, seja por desconfiança ou por experiências de inundações anteriores sobre áreas não inundadas. Quando a enchente ocorreu, a comunicação foi interrompida (queda de internet e telefonia), dificultando resgates e deixando moradores sem saber o que fazer ou para onde ir. Os participantes relataram momentos de grande angústia e desespero vivenciados durante as enchentes em Eldorado do Sul. Muitos moradores expressaram a frustração de não terem sido adequadamente alertados sobre a gravidade da situação, resultando em evacuações tardias e, em alguns casos, perigosas. A falta de informações concretas gerou pânico e incerteza, levando famílias a se deslocarem sem um destino seguro definido. Além disso, a comunicação ineficaz entre as autoridades e a população contribuiu para a disseminação de boatos, aumentando o medo e a insegurança.
- **Despreparo e falta de coordenação das autoridades:** Os órgãos públicos demonstraram desorganização na resposta ao desastre. Não havia uma liderança clara, e os moradores relataram que muitas vezes não sabiam para quem pedir ajuda. Houve duplicação de esforços em alguns resgates, enquanto outros ficaram sem atendimento.
- **Dificuldade nos resgates:** A ausência de equipamentos apropriados e o salvamento improvisado tornaram a evacuação caótica.

Muitos relataram que tiveram que sair às pressas, deixando tudo para trás. Pessoas com dificuldades de locomoção e crianças atípicas enfrentaram ainda mais desafios para serem resgatadas.

- **Superlotação e insegurança nos abrigos:** Os locais de acolhimento não estavam preparados para a quantidade de desabrigados. Pessoas se sentiam amontoadas e desprovidas de condições básicas, e também relataram insegurança devido ao aumento da criminalidade.

- **Separação de famílias e impacto emocional:** O medo da morte e a incerteza sobre o paradeiro de familiares e amigos foram angustiantes. Além disso, a experiência traumática deixou marcas profundas, gerando ansiedade e medo sempre que chove. Muitos participantes descreveram sentimento de impotência diante da destruição e do medo constante de que novas enchentes possam ocorrer. Crianças foram especialmente afetadas, demonstrando sinais de trauma devido à experiência vivida. O apoio psicológico é uma necessidade urgente, já que a ansiedade e a insegurança ainda persistem entre os moradores, mesmo após a redução do nível das águas.

- **Abandono e falta de assistência pós-desastre:** Muitas pessoas passaram semanas sem informações e sem apoio do poder público para a reconstrução. O sentimento de impotência foi agravado pela destruição de lares e pela dificuldade de retomar a vida após a tragédia.

- **Impacto ambiental e percepção de risco:** Alguns moradores perceberam que a forma como a cidade cresceu contribuiu para a tragédia e acreditam que mudanças estruturais precisam ser feitas para evitar novas inundações. O desastre expôs vulnerabilidades tanto da população quanto das autoridades, mostrando a necessidade de melhores estratégias de prevenção, comunicação eficaz e planos de emergência mais estruturados.

3.3.2 Momento 2 – Um olhar para o Futuro de Eldorado do Sul

Após o resgate das memórias sobre o desastre, o segundo momento da escuta comunitária foi dedicado à análise dos principais desafios enfrentados e das lições que podem orientar futuras ações. A necessidade de planejamento eficaz, comunicação clara e ações estruturais foi amplamente destacada, assim como a urgência de garantir segurança, abrigo e apoio para a população afetada.

Os relatos apontaram falhas graves na gestão do desastre, incluindo a ausência de planos de evacuação, a falta de equipamentos adequados para resgate e a dificuldade no acesso a informações confiáveis. Além disso, foi identificada a importância de estratégias de reconstrução que considerem a realidade local, como a implementação de moradias mais seguras e o fortalecimento da economia para evitar o êxodo da população.

A seguir, são apresentadas as principais necessidades identificadas pela comunidade, que servirão de base para a construção de soluções mais eficazes diante de futuras enchentes.

- **Qualificar o planejamento e Gestão de Desastres:** A comunidade sugere que sejam realizados estudos aprofundados para entender as falhas ocorridas durante o desastre e identificar soluções para que os erros não sejam repetidos. É fundamental desenvolver planos de contingência detalhados, que incluam ordens de evacuação claras e rotas de fuga mapeadas. Isso permitirá que a população saiba exatamente como agir em momentos críticos. Além disso, a criação de um comitê de crise que envolva a participação ativa da comunidade é crucial, pois isso proporciona um planejamento estratégico mais eficiente e adequado às necessidades locais. A comunidade também destaca a importância de uma melhor organização e coordenação entre os órgãos públicos, o que resulta em uma resposta mais eficaz durante e após o desastre.

- **Melhorar a infraestrutura e ações de prevenção:** No âmbito da infraestrutura, foi consenso que Eldorado do Sul precisa de investimentos significativos nas obras para contenção de enchentes. A realização de obras de desassoreamento dos rios também foi apontada pelos participantes como prioridade. A comunidade sugere a implementação de um monitoramento meteorológico e hidrológico contínuo, que permita prever futuras enchentes e alertar a população com antecedência. Além disso, propõe-se a construção de casas mais resistentes às inundações, incluindo opções como casas flutuantes e palafitas, que podem se adaptar a variações no nível da água, protegendo assim os moradores. A criação de abrigos seguros, previamente identificados antes de qualquer desastre, é outra demanda importante, garantindo que as vítimas tenham um local adequado (já conhecido) para se abrigar. A comunidade também sugere que equipamentos de resgate, como jet-skis, barcos e drones, sejam armazenados em cada bairro, facilitando e acelerando o resgate de pessoas em áreas de difícil acesso. Por fim, a segurança pública deve ser garantida durante e após o desastre, para evitar saques e outros crimes que possam ocorrer em momentos de vulnerabilidade.

- **Melhorar a comunicação e repasse de informações:** Melhorar a comunicação oficial é uma das demandas mais urgentes da comunidade, pois é essencial que as informações sobre o que está acontecendo e o que as pessoas precisam fazer sejam claras e precisas. Uma das principais reivindicações foi a criação de um sistema de alerta eficiente, com múltiplos canais de comunicação, incluindo rádio, mensagens de texto e sirenes, garantindo que todos os moradores recebam informações precisas e em tempo hábil. A melhoria na comunicação entre os órgãos públicos e a população também foi destacada como uma necessidade urgente. Consideram que a implementação de uma rádio comunitária para alertas em tempo real pode ser uma solução eficaz para garantir que todos os cidadãos sejam informados, mesmo quando outros canais de comunicação falharem. Além disso, a comunidade sugere a criação de ferramentas oficiais para o cruzamento de dados e o gerenciamento de informações sobre os resgates, o que ajudará na coordenação e na organização das operações de emergência. A criação de um canal confiável do poder público também é necessária, para que os moradores possam acessar informações claras e acessíveis de maneira rápida e eficiente.

- **Necessidade de capacitação de múltiplos atores:** A educação e a capacitação da população são fundamentais para a prevenção e a resposta a desastres. A comunidade sugere que sejam realizados treinamentos nas escolas sobre a cultura de enchentes e a percepção de risco, para que as crianças e os jovens saibam como agir durante uma emergência. Além disso, consideram importante formar líderes comunitários qualificados, capazes de orientar a população em situações de crise, transmitindo informações essenciais e coordenando as ações locais. A capacitação profissional também foi apontada como uma prioridade, pois contribui para a geração de renda e o fortalecimento da economia local, além de garantir que a comunidade tenha acesso a habilidades e serviços essenciais em momentos críticos.

- **Necessidade de apoio pós-Desastre e recuperação:** Após o desastre, a comunidade demanda que haja um processo mais claro e ágil para a concessão de auxílios às vítimas, garantindo que todos os afetados recebam o suporte necessário de maneira eficiente. A assistência psicológica e social também foi uma prioridade destacada. Propôs-se a criação de um programa de apoio pós-trauma, com atendimento especializado para crianças e adultos afetados pelo desastre. A assistência psicológica deve ser oferecida de forma acessível para ajudar os moradores a se recuperarem emocionalmente. A comunidade também sugere estratégias para incentivar as pessoas a permanecerem no

município e reconstruírem suas vidas, promovendo a estabilidade e o fortalecimento da comunidade. Enfatizou-se a necessidade de ações de recuperação econômica, incluindo linhas de crédito para pequenos negócios atingidos e incentivos para a reconstrução das áreas afetadas. Por fim, programas habitacionais mais acessíveis e com processos construtivos alternativos devem ser desenvolvidos para aqueles que desejam se realocar e reconstruir suas casas, garantindo que os afetados possam retomar suas vidas com dignidade. A comunidade reforça a necessidade de aprendizado com os erros, planejamento eficiente e participação ativa dos moradores e do poder público para evitar que tragédias como essa voltem a ocorrer.

3.3.3 Momento 3 - Priorização de ações da Comunidade de Eldorado do Sul

Após o resgate das memórias e a reflexão sobre os desafios enfrentados, o terceiro momento da escuta comunitária foi dedicado à priorização das demandas para fortalecer a resposta a futuros desastres. A comunidade identificou as medidas mais urgentes para garantir segurança, comunicação eficiente, planejamento estratégico e recuperação social e econômica.

Os principais pontos destacados incluem a melhoria dos sistemas de alerta e comunicação, a implementação de um plano de contingência detalhado, a capacitação de gestores e socorristas, o fortalecimento da economia local e o suporte psicológico para os afetados.

A seguir, são apresentadas as prioridades estabelecidas pela comunidade, organizadas de forma lógica, visando orientar ações concretas para tornar Eldorado do Sul uma cidade mais resiliente diante de novas adversidades. Estas prioridades são apresentadas nas sete categorias estabelecidas anteriormente.

• COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

- ✓ Melhoria na transparência e na disseminação de informações oficiais, reduzindo a propagação de fake news. A população necessita saber o que está acontecendo e como proceder no momento do desastre.
- ✓ Garantir a continuidade da comunicação entre as pessoas, mesmo sem internet. Utilização de rádio ou outras soluções confiáveis.

- **MONITORAMENTO E ALERTA**

- ✓ Monitoramento e alertas eficazes para informar a população sobre a magnitude do desastre e o momento da evacuação.

- **GOVERNANÇA**

- ✓ Planejamento adequado em todas as fases da gestão de risco de desastre (prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação).

- **PLANO DE CONTINGÊNCIA**

- ✓ Definição de protocolos claros de evacuação e assistência emergencial, contendo mapeamento de pessoas vulneráveis, rotas de fugas, localização de abrigos seguros, priorização da evacuação por zonas da cidade.
- ✓ Gestão eficiente dos resgates e salvamentos com integração de órgãos públicos e comunidades.

- **EDUCAÇÃO E CAPACITAÇÃO**

- ✓ Capacitação de múltiplos atores: gestores, técnicos, socorristas e comunidade.
- ✓ Treinamento de voluntários e lideranças comunitárias para atuar em emergências.
- ✓ Qualificação dos profissionais de segurança e assistência social para resposta rápida.
- ✓ Capacitação da população sobre como interpretar alertas e agir preventivamente.
- ✓ Simulações periódicas de evacuação e primeiros socorros.

- **INFRAESTRUTURA**

- ✓ Qualificar instrumentos de apoio à resposta, garantindo equipamentos de salvamento suficientes e estrategicamente distribuídos pelo território municipal.
- ✓ Aquisição de barcos, jet-skis e drones para operações de resgate;

- **ARTICULAÇÃO COMUNITÁRIA**

- ✓ Promover estratégias para articulação comunitária.
 - ✓ Estabelecimento de comitês de crise em cada bairro.
 - ✓ Fortalecimento das lideranças locais para mobilização eficiente em emergências.
 - ✓ Engajamento da sociedade civil organizada e empresas na resposta a desastres.
- **RECUPERAÇÃO ECONÔMICA**
 - ✓ Fomento da economia municipal para garantir a permanência e o retorno dos moradores.
 - ✓ Linhas de crédito e incentivos para reconstrução econômica.
 - ✓ Programas de geração de renda para famílias desalojadas.
 - **RECUPERAÇÃO PSICOSSOCIAL**
 - ✓ Implementação de centros de acolhimento psicológico para vítimas de desastres.
 - ✓ Programa de atendimento psicológico para a recuperação.
 - ✓ Capacitação de agentes de saúde para identificar e tratar transtornos pós-traumáticos.
 - ✓ Criação de redes de apoio comunitário para acompanhamento contínuo.

4 SÍNTESE DAS DEMANDAS DAS TRÊS COMUNIDADES

O Quadro 1 sistematiza as demandas das três comunidades nas categorias definidas para a priorização. É possível constatar que os relatos são uniformes em termos de desafios enfrentados. As três comunidades afetadas pelas enchentes que foram selecionadas – Canoas, Alvorada e Eldorado do Sul – compartilham diversas demandas para a construção de resiliência, embora cada uma tenha suas particularidades.

Essas demandas refletem a diversidade de desafios enfrentados pelas comunidades, mas também demonstram uma convergência em torno das principais áreas que precisam ser fortalecidas para aumentar a

resiliência e minimizar os impactos de desastres futuros. O fortalecimento da comunicação, o planejamento de contingência, a capacitação e a melhoria da infraestrutura são elementos reconhecidos como essenciais para a construção de uma resposta mais eficaz e uma recuperação mais rápida e sustentável.

Quadro 1 – Quadro comparativo das demandas das três comunidades

Temática da demanda	Canoas	Alvorada	Eldorado do Sul
Comunicação e Informação	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de canais diretos de comunicação entre órgãos governamentais e moradores para facilitar a coordenação em desastres. • Transparência na divulgação de informações sobre políticas públicas voltadas à prevenção e resposta a desastres. • Melhoria da comunicação emergencial para evitar desinformação e garantir que as mensagens cheguem a toda a comunidade. 	<p>**</p> <p>Nota: Mesmo relatando problemas de falta de informação, a comunidade não citou explicitamente a demanda de ações específicas para esta temática, para além daquela dos alertas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Melhoria na transparência e na disseminação de informações oficiais, reduzindo a propagação de fake News. A população necessita saber o que está acontecendo e como proceder no momento do desastre. • Garantir a continuidade da comunicação entre as pessoas, mesmo sem internet. Utilização de rádio ou outras soluções confiáveis.
Monitoramento e Alerta	<ul style="list-style-type: none"> • Implementação de um sistema de alertas multicanais para informar a população em tempo real sobre riscos iminentes. • Fortalecimento da parceria entre órgãos públicos e 	<ul style="list-style-type: none"> • Implementação de sistemas eficientes de aviso antecipado por diferentes meios de comunicação, incluindo sinais sonoros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Monitoramento e alertas eficazes para informar a população sobre a magnitude do desastre e o momento da evacuação.

	a comunidade para garantir a eficácia do sistema de alertas.		
Plano de Contingência	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de um plano abrangente que inclua rotas de fuga, localização de abrigos seguros e estratégias de evacuação. • Mapeamento e cadastramento de pessoas em situação de vulnerabilidade, incluindo idosos, crianças, pessoas com mobilidade reduzida e crianças atípicas. • Definição de protocolos para situações emergenciais, garantindo respostas ágeis e coordenadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de plano de contingência completo; • Estabelecimento de rotas de fuga para uma evacuação segura; • Mapeamento de grupos vulneráveis para agilizar a evacuação no desastre; • Criação de abrigos adequados e com capacidade para abrigar a comunidade. • Gestão dos animais: organização e cuidado de animais com e sem tutores durante as emergências. 	<ul style="list-style-type: none"> • Definição de protocolos claros de evacuação e assistência emergencial, contendo mapeamento de pessoas vulneráveis, rotas de fugas, localização de abrigos seguros, priorização da evacuação por zonas da cidade. • Gestão eficiente dos resgates e salvamentos com integração de órgãos públicos e comunidades.
Educação e Capacitação	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de campanhas educativas sobre os riscos associados a desastres naturais e medidas preventivas. • Capacitação da população para reconhecer sinais de alerta e adotar práticas seguras em 	<ul style="list-style-type: none"> • Treinamento da população, gestores públicos e equipes de resposta para melhorar a resiliência comunitária. • Capacitação e incentivo à reciclagem, gestão de resíduos e estratégias de armazenamento 	<ul style="list-style-type: none"> • Capacitação de múltiplos atores: gestores, técnicos, socorristas e comunidade. • Treinamento de voluntários e lideranças comunitárias para atuar em emergências. • Qualificação dos profissionais de segurança e

	<p>momentos de crise.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Treinamento de moradores e voluntários para atuarem como socorristas comunitários em emergências. • Preparação contínua das forças de segurança, assistência social e saúde para atuarem em desastres naturais. 	<p>hídrico para minimizar os impactos das secas e enchentes.</p>	<p>assistência social para resposta rápida.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Capacitação da população sobre como interpretar alertas e agir preventivamente. • Simulações periódicas de evacuação e primeiros socorros.
Governança	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de um organismo responsável pela manutenção e fiscalização das obras de contenção de cheias (diques). • Integração de diferentes níveis de governo na gestão de crises, garantindo respostas rápidas e eficazes. • Definição de responsabilidades claras entre governo, empresas e sociedade civil para garantir a segurança da população. 	<p>**</p> <p>Nota: A comunidade não apontou demanda específica em relação à essa temática, mas nos seus relatos apontou lacuna completa da gestão desde antes do desastre, mas principalmente na ocorrência dele.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento adequado em todas as fases da gestão de risco de desastre (prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação).
Infraestrutura	<ul style="list-style-type: none"> • Restabelecimento da infraestrutura de drenagem urbana 	<ul style="list-style-type: none"> • Limpeza e dragagem para desassoreamento dos corpos hídricos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Qualificar instrumentos de apoio à resposta, garantindo equipamentos de

	<p>comprometida após as enchentes de 2024.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Implementação de soluções sustentáveis para o escoamento de águas pluviais, reduzindo riscos de novas inundações. ● Monitoramento contínuo das estruturas de contenção para evitar falhas que possam agravar situações como a observada na inundação. ● Qualificação de infraestrutura para operações de salvamento, incluindo aquisição de equipamentos adequados. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Melhorias no sistema de drenagem pluvial para melhorar escoamento das águas; ● Criação de um posto de saúde para atendimento para emergências e acompanhamento da saúde dos moradores afetados. 	<p>salvamento suficientes e estrategicamente distribuídos pelo território municipal.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Aquisição de barcos, jet-skis e drones para operações de resgate;
Articulação Comunitária	<ul style="list-style-type: none"> ● Fortalecimento das organizações comunitárias para ampliar o engajamento da população nas ações de resposta. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Estruturação dos Núcleos de Proteção e Defesa Civil (NUPDEC) para organizar a primeira resposta dentro da comunidade. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Promover estratégias para articulação comunitária. ● Estabelecimento de comitês de crise em cada bairro. ● Fortalecimento das lideranças locais para mobilização eficiente em emergências. ● Engajamento da sociedade civil organizada e empresas na

			resposta a desastres.
Recuperação econômica	<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none"> Criação de programas de geração de trabalho e apoio à economia local. 	<ul style="list-style-type: none"> Fomento da economia municipal para garantir a permanência e o retorno dos moradores. Linhas de crédito e incentivos para reconstrução econômica. Programas de geração de renda para famílias desalojadas.
Recuperação Psicossocial	<p>**</p> <p>Nota: A comunidade não explicitou uma demanda nessa temática, entretanto em seus relatos demonstraram o impacto profundo da experiência do desastre na saúde mental dos moradores.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Apoio contínuo na saúde mental 	<ul style="list-style-type: none"> Implementação de centros de acolhimento psicológico para vítimas de desastres. Programa de atendimento psicológico para a recuperação. Capacitação de agentes de saúde para identificar e tratar transtornos pós-traumáticos. Criação de redes de apoio comunitário para acompanhamento contínuo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vividas pelas comunidades de Canoas, Alvorada e Eldorado do Sul durante o desastre de maio de 2024 evidenciam a

necessidade urgente de ações coordenadas e estruturadas para a mitigação de riscos e a melhoria da resiliência das populações vulneráveis. As principais dificuldades enfrentadas, como a falta de informações claras, a desorganização nos processos de evacuação e resgates, a ausência de apoio psicológico adequado e as lacunas na infraestrutura básica, ressaltam a necessidade de um planejamento mais robusto e integrado entre os diferentes níveis de governo e a sociedade civil.

É essencial que as políticas públicas voltadas à gestão de desastres contemplem uma abordagem transversal, que envolva não só a proteção física das comunidades, mas também o suporte emocional e psicossocial, além de medidas preventivas eficazes para evitar a recorrência de tragédias. A implementação de planos de contingência locais, a melhoria na comunicação de alertas, a capacitação das comunidades para agir diante de emergências e a infraestrutura de proteção contra cheias são algumas das áreas prioritárias que precisam ser aprimoradas com urgência.

Este material será apresentado para o Governo do Estado do Rio Grande do Sul no South Summit Brazil 2025, com o objetivo de subsidiar a formulação de políticas públicas no âmbito do Plano Rio Grande. A escuta ativa das comunidades afetadas, que compartilham seus desafios, permitirá a construção de estratégias mais assertivas para garantir uma resposta mais eficaz, justa e humanizada em situações de desastre. Essas propostas visam, assim, fortalecer a resiliência das comunidades, promover a recuperação plena e evitar futuros impactos devastadores em caso de novas catástrofes naturais.

ANEXO I – LISTA DOS PARTICIPANTES

Canoas	Alvorada	Eldorado do Sul
Ana Laura de Souza	Adriana Twarkoski	Alessandro Alves Coelho
Porciuncula	Alzira A. Andrade	Ana Cristina Lima Pereira
Antônia Valeria Gomes de Oliveira	Ana Paula da Silva	Camila Coutinho
Ariane Dutra	Daniela da Silva	Carla Adriane Garcia
Catiane Silva	Debora Muzykant	Cristiane A. de Oliveira
Cleunici Eli Mani Gomes	Deise Fabiane Caemiro	Diego Desbesel
Daniele Alves	Dilma Lima	Dionatas Carpinski
Emilly Vitória Farias de Oliveira	Gilmar Bittencourt	Gabriela Coutinho
Etiane Barcelos	Isabel N. Ferreira	Gilberto C. de Oliveira
Graziele dos Santos Brodt	Jaqueline Silva	Luiz Albert Viana
Irismar Alves de Souza	Jordana Barbosa	Luiz Santos
Janeta Silva Oliveira	Jordana Moreira	Marcio Siqueira de Abreu
Janete Silva Oliveira	Manuela Fonseca	Maria Elisabete M.
José Junior	Nilza Nunes Gales	Marta Espindola
Julia Silva de Oliveira	Nivaldo S. dos Reis	Marta Teresinha da Costa
Lucas Rodrigues	Paulo Ricardo	Schultz
Mara Lúcia Leite Madril	Priscila Silva dos Santos	Natália da Costa
Marcia José João Pedroso	Roberto Santos da Silva	Paulo Sergio Baicoa
Michelle Oliveira Aguirre	Rosa Maria A. Silva	Rosimere Lima
Natacha Vidal Melo	Saleti Silva	Tatiane Eberhardt
Paola Ambieda		Vanessa Rodrigues
Patricia Lisboa		
Priscila Sandim		
Rafaela de Souza Cavaleiro		
Rosangela Matias		
Usiara Brito		

ANEXO II - REGISTRO FOTOGRÁFICO

Oficina de Canoas



Oficina de Canoas



Oficina de Canoas



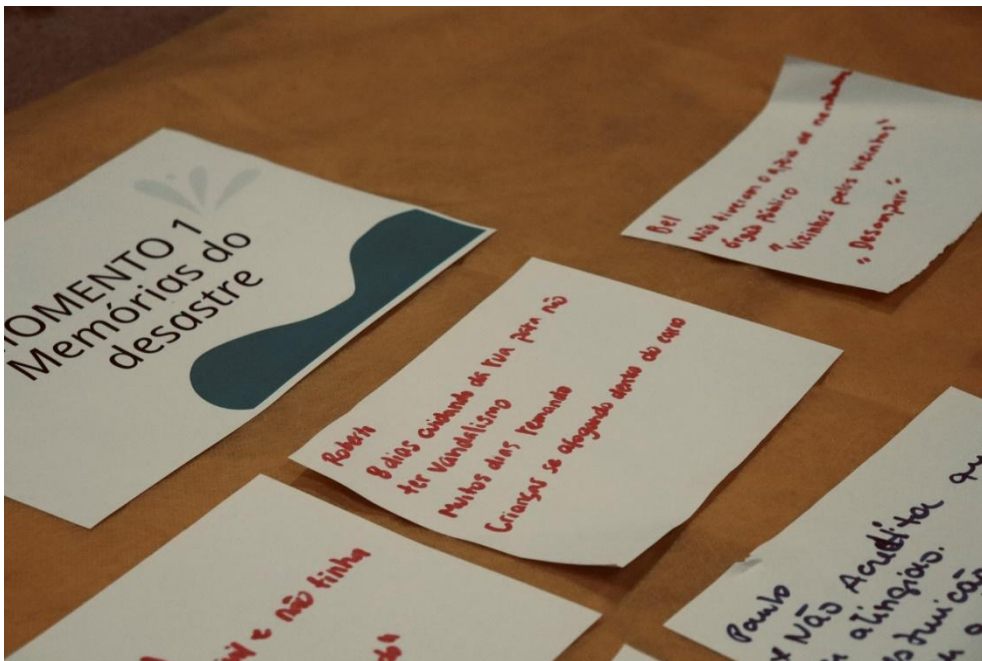
Oficina de Canoas



Oficina de Alvorada



Oficina de Alvorada



Oficina de Alvorada



Oficina de Alvorada



Oficina de Eldorado



Oficina de Eldorado



Oficina de Eldorado



Oficina de Eldorado



ANEXO III - ANOTAÇÕES REALIZADAS DURANTE A ATIVIDADE

Canoas

Momento 1: Memórias do Desastre de Maio de 2024 em Canoas

- Sentimento de agradecimento por ter sido resgatado
- Foi difícil para uma mãe de uma criança atípica
- Não estava preparada para lidar com a situação do desastre
- O tempo dentro do abrigo foi muito difícil, pois não estava preparada para essa situação.
- Momento difícil na evacuação, pois não se tinha orientação. Não se conhecia a rota de fuga
- Faltou muita informação sobre como agir no momento, não se tinha conhecido para onde se dirigir na evacuação da casa.
- Sentimento de medo por não conseguir sair de casa, sentiu-se com falta de força.
- A CUFA amenizou a dor, pois ajudou a gente.
- Ninguém acreditava que o que aconteceu poderia acontecer, foi tudo muito repentino
- Eu esperei as pessoas mais vulneráveis sair, para depois sair do local que eu estava.
- Fique com um grande trauma
- Senti falta de ajuda
- Como eu tinha conhecimento de outras enchentes, então acreditei nos alertas e sai antes.
- Não tivemos trabalho de prevenção
- Preocupação com o salvamento dos pets
- Não tivemos proteção do nosso patrimônio
- Faltou acolhimento
- Nos tiraram a dignidade
- Não havia segurança no abrigo.
- Participei dos resgates e presenciei a morte de uma criança, foi muito difícil
- Tivemos dificuldades para fazer os resgates, sem instrumentos necessários.
- Tivemos um empobrecimento da população
- Ter que viver junto com muitos familiares, gerou mais violência.
- Faltou orientação, ninguém sabia para onde ir, não tinha-se informações claras e as pessoas não acreditavam
- Não tivemos ajuda da defesa civil e da assistência social

- Foi muito difícil ter que escolher entre salvar crianças e um idoso.
- Solicitei ajuda pela janela. Fomos os últimos a sair do condomínio.
- Difícil ver as crianças sem as mães.
- Moravam em locais que já não tinha atenção, eram esquecidos
- A água chegou a mais de 2 metros de altura. Ninguém imaginava
- Ficamos sem água e sem luz
- Tivemos doenças depois da inundação (leptospirose)

Momento 2: Olhar para o futuro (quais as demandas da comunidade).

- Procon deveria agir, pois tivemos aumentos de preços estratosféricos.
- Deveria ter fiscalização dos órgãos nos momentos de crise.
- Projeto de conscientização da população sobre a disposição de resíduos
- Manutenção dos bueiros e sistemas de drenagem
- Dique
- Garantia da segurança do patrimônio
- Mapeamento de facções para dispor melhor as pessoas nos abrigos. Muitas pessoas não foram autorizadas a entrar em abrigos devido ao fato de serem de comunidades lideradas por facções diferentes
- Governantes não acessam e dialogam com bairros atingidos
- Cidades sem preparo
- Capacitação de governantes para lidar com eventos extremos.
- Abrigos preparados com condições adequadas
- Melhorar a comunicação do pós desastre, pois não se tinha conhecimento sobre quando seria possível voltar para as casas.
- Deveria ter ajuda de custo para familiares que receberam em suas casas pessoas desabrigadas.
- Deveria ter mais transparência sobre os motivos que geraram os alagamentos.
- Deveria ter direcionamento para onde ir em momentos de crise
- Deveria ter desburocratização para a chegada de ajuda
- Deveria ter equipes mais preparadas. Os militares que ajudaram não estavam preparados
- Deveria ter alerta com sinais sonoros e luz para identificar onde as pessoas que necessitavam de resgate estavam.
- As pessoas precisam ter conhecimento sobre a hidrologia

- Necessidade de capacitação para qualificar a percepção de risco das pessoas.
- Capacitação de como atender o próximo, tanto sob aspectos sociais quanto de pronto socorro
- Aproveitar as associações de bairro para ser a primeira resposta
- Fortalecer redes de ajuda
- Escritório de capacitação
- Capacitar a defesa civil
- Capacitação para trabalhar a desinformação (fake News)
- Sirenes para alertar a população
- Rotas de fuga
- Ter treinamento de gestores públicos para dar atenção
- Planos de contingência
- Preparar as equipes dos abrigos para lidar com pessoas com deficiência, idosos, crianças e animais

Momento 3: priorização de demandas

- Plano de Contingência: com rotas de fuga, localização de abrigos, mapeamento de idosos, crianças, pessoas com mobilidade reduzida e crianças atípicas.
- Monitoramento e alertas por diferentes canais de comunicação
- Capacitação de socorristas e qualificação da estrutura para salvamento
- Preparação e capacitação da população sobre os processos perigosos aos quais estão expostos.
- Fortalecimento das organizações comunitárias para atuar na primeira resposta.
- Qualificação da comunicação entre poder público e população durante a ocorrência dos desastres
- Existência de um organismo responsável pela operação, manutenção e fiscalização das obras de contenção de cheias (diques)
- Restabelecimento dos sistemas de drenagem comprometidos após as inundações de maio de 2024.

Alvorada

Momento 1: Memórias do Desastre de Maio de 2024 em Alvorada (Bairro Americana)

- Momento mais difícil era entender em qual momento deveria se sair de casa
- As únicas informações que tínhamos era de vizinhos
- Difícil ficar sem a casa, pois se perde a nossa principal referência.
- Senti falta de plano de contingência
- Foi difícil sair de casa e ir para a casa da vizinha e depois ainda sair da casa da vizinha porque inundou.
- Não tínhamos auxílio para o resgate
- Foi difícil perder a casa e o comércio Toda a família perdeu.
- Sentimento de abandono
- Cansaço por estar enfrentando inundações há muitos anos.
- Somos invisíveis ao município.
- CUFA(Central Única das Favelas) foi a única ajuda
- Falta de apoio psicológico
- Falta de um trabalho de conscientização sobre os impactos das crises.
- Falta de segurança quanto a garantia do emprego
- Psicológico ficou muito afetado.
- Senti falta de planejamento, sem nenhuma proteção contra catástrofes.
- Aterros para a instalação do empreendimento destruiu o rio.
- Não se tem como seguir sem apoio público contínuo.
- Não tínhamos água potável e luz por 26 dias
- Toda a família ficou desabrigada e perdeu seus negócios
- Perdi minha vó em função de tudo que aconteceu. No resgate ela se molhou e pegou uma infecção pulmonar. Morreu no hospital.
- Há muitos anos que a nossa comunidade está desassistida.
- Sentimento de falta de segurança
- Ficamos sem luz, sem água e desamparados
- A gestão pública só nos procura quando precisa de votos.
- A ajuda não deveria vir só para quem foi diretamente atingido, pois muitas pessoas foram indiretamente atingidas e tiveram muitas perdas.
- Não tivemos apoio de nenhum órgão público, foram os vizinhos pelos vizinhos.
- Sentimento de desamparo.
- Fiquei 8 dias cuidando da rua para não ter saques nas residências.
- Fiquei muitos dias remando
- Vi crianças se afogando dentro do carro.

- Demora do atendimento da defesa civil e não tinha lugar para todos.
- Meus filhos saíram nadando
- Falta de socorro (resgate)
- Não acreditei que seria atingido
- Difícil ver a destruição da casa
- Dor da perda
- Eu não queria sair para não perder meus bens, achamos que não ia acontecer.
- Senti muita humilhação
- Não tinha mais nada para sobreviver
- Difícil não ter lugar para ir, perdi tudo, não tinha segurança
- Difícil não ter como recomeçar, sendo necessário provar que perdeu tudo
- Sem ajuda do governo.
- Perdi a força, limite físico, tive leptospirose
- Sabia da realidade e construí a 1,40 metros do nível da rua. Não acreditei quando a água chegou.
- Sem segurança, fiação roubada
- Sem apoio no retorno às casas
- Fiquei sem ação
- Tive que sair de casa com água no pescoço
- Fui arrastada de dentro de casa, não acreditava que poderia acontecer.
- Sentimento de humilhação por receber ajuda
- A inundação chegou muito rápido
- Difícil ver toda a família desamparada
- Difícil perder o ganha pão
- Laços comunitários foram formados
- A inundação é um problema sério em Americana há 60 anos
- Fomos tratados como cachorros.

Momento 2: Olhar para o futuro (quais as demandas da comunidade).

- Limpeza eficiente e constante da drenagem e dos arroios.
- Dragagem dos cursos hídricos
- Melhora da casa de bombas
- Construção do dique
- Plano de contingência
- Alerta eficiente e com dispositivos sonoros
- Monitoramento

- Macro e micro drenagem
- Rede de esgoto
- Gestão de animais, castração e abrigo
- Implantação de NUPDEC – organização comunitária junto a defesa civil
- Gestão de resíduos
- Conscientização ambiental
- Gestão hídrica
- NUPDEC – defesa civil
- Estruturação administração
- Equipamentos básicos para socorro
- Rotas de fuga
- Abrigos adequados
- Qualificar defesa civil
- Capacitação da população
- Reciclagem – gestão de resíduos
- Utilizar soluções de pavimentos drenantes
- Aproveitamento da água – gestão hídrica
- Qualificar e capacitar a população
- Equipamentos: barcos, coletes, pronto socorro
- Gestores públicos
- Posto de saúde da comunidade
- Preparação e prevenção dos desastres
- Planos de contingência
- Alertas da defesa (sonoros)
- Monitoramento
- Rotas de fuga
- Ponto focal
- Trabalho nas escolas de conscientização

Momento 3: priorização de demandas

- Recuperação com drenagem dos corpos hídricos e limpeza dos sistemas de drenagem pluvial
- Limpeza das ruas
- Monitoramento para saber quando acha que vai chegar o alerta por diferentes meios de comunicação e sonoro.
- Plano de contingência completo, com monitoramento de vulneráveis, rotas de fuga e locais previamente identificados para abrigo e com gestão adequada
- Gestão dos animais com e sem donos.
- Qualificação das equipes de resposta
- Capacitação de moradores

- Gestão hídrica, com armazenamento na seca e proteção para inundações.
- Fortalecimento comunitário – NUPDEC
- Reciclagem
- Ações de prevenção

Eldorado do Sul

Momento 1: Memórias do Desastre de Maio de 2024 em Eldorado

ANOTAÇÕES FACILITADOR

- Como minha casa era alta e nunca entrava água nas inundações passadas, sendo inclusive ponto de abrigo para vizinhos, acabei sendo teimosa e não escutei os alertas. Fiquei em casa com a minha família e os animais de estimação, tendo que sair às pressas quando a água chegou.
- Foi muito difícil para crianças atípicas passarem pela situação do desastre.
- Estávamos em um sobrado ao lado do rio, a casa tremia e parecia que ia ser levada pela água.
- Sentimos alívio com a chegada de um jet-ski, mas o salvamento era individual, dificultando para minha afilhada que era autista e não conseguia ir junto.
- O mais difícil para mim era a separação da família e permanecer sem contato com as pessoas. A incerteza de conseguir permanecer vivo era terrível.
- Como não vimos a água subir, foi difícil acreditar no alerta do carro de som.
- O pessoal foi saindo de casa de caminhão, levando seus móveis. Mas tínhamos que ir de abrigo em abrigo, pois todos estavam cheios. Sai de casa de caminhão e no final cheguei no outro abrigo apenas com uma mochila.
- Vi de tudo, pessoas boiando nas achas, cachorros boiando. O cenário era de filme pós apocalíptico.
- Foi muito difícil ver as pessoas saindo de casa gritando sem saber para onde ir. Ver idosos e crianças nessa situação.
- Tentei ajudar os vizinhos, mas voltei para casa com minha filha. A água chegou e bloqueou a porta, impedindo a saída, foi enchendo e não conseguimos sair. Foi horrível.
- No bairro picada, zona mais vulnerável, o que funcionou foi a união dos vizinhos.

- Não sabia o que fazer para sair, só sabia que devia chegar em Cachoeirinha na casa da minha mãe. Passei pela ponte com o carro inundado de água. Fui a última a passar antes da ponte fechar. Foi Deus que me ajudou.
- Vimos muito despreparo e falta de informação.
- Faltou equipamentos para o salvamento.
- Sentia grande preocupação com os conhecidos. A incerteza se estavam bem era terrível.
- Quem ficou em casa, ficou no escuro, sem informação do que estava acontecendo.
- Eu primeiro pensei em me salvar, depois que sai trancaram a ponte.
- Era um despreparo generalizado
- Faltou conscientização da comunidade, ninguém acreditou no alerta que estavam recebendo.
- Foi terrível sentir incerteza sobre a sobrevivência.
- Algumas pessoas acreditaram nos alertas, mas a maioria não.
- Ficamos 40 dias fora de casa, sem informações.
- Me senti como um rato saindo do esgoto.
- Sentíamos necessidade de um local seguro, um abrigo para ficar.
- Acredito que o rio está buscando o que é dele. Vi essa cidade crescer e todas as árvores serem arrancadas.
- Não quero ver as pessoas indo embora da cidade, tenho muito amor por esse lugar.
- Temos que pensar em questões práticas, tirar as pessoas que estão morando praticamente dentro do rio.
- Acredito no poder da troca das informações.
- Moro no bairro picada e minha casa está interditada, mas não quero sair.
- Sentimos despreparo e desinformação por parte dos líderes (gestão pública). Ninguém apareceu da prefeitura. Não sabíamos o que fazer. Foi o povo que se ajudou.
- Ficamos 40 dias isolados, em tv, notícias.
- Os animais não foram resgatados. Foi muito triste.
- Sentimento completo de abandono
- A pior lembrança era que eu tinha uma lista de pessoas e endereços que precisavam de ajuda, mas não sabíamos para quem mandar, a quem pedir ajuda.
- Os órgãos responsáveis pelo salvamento não tinham gestão de quem já tinha sido salvo. Às vezes um chamado recebia várias equipes de salvamento, enquanto outros ficavam sem.

- Não tínhamos comunicação, a internet caiu, ficamos sem contato, um sentimento total de impotência.
- Eu acabei saindo antes da água chegar, pois já havia passado por isso em novembro de 2023, mas sai com sentimento de impotência. Entretanto, fui para um bairro que a princípio não inundava, mas a água chegou. Não tínhamos informação sobre o que estava de fato acontecendo e para onde ir.
- Muito falta de informação, as pessoas estavam alienadas
- Senti muito medo do depois. Não vai ter mais casa, não vai ter mais escola. O que fazer?
- A desinformação foi generalizada e as informações que recebíamos eram desconstruídas. Não era uma informação verticalizada.
- Faltou liderança na gestão do desastre.
- O poder de segurança do Estado falhou. Com a inundação tivemos saques, assaltos a criminalidade aumentou.
- Agora toda vez que chove não conseguimos dormir. Ficamos traumatizados.
- Foi muito difícil sentir a responsabilidade de socorrer as pessoas. Sou um morador, não tenho experiência. Cada pessoa que salvava era um sentimento difícil.
- Quando fui convocado para ajudar no salvamento senti muito medo pelo que poderia ver.
- Não sabíamos qual local era seguro.
- Foi difícil chegar nos abrigos e estar lotados, as pessoas ficavam amontoadas como bichos.
- Faltou segurança nos abrigos.
- Sai de casa e fui indo procurar locais seguros. Perguntei a um bombeiro e ele não sabia para onde deveríamos ir. Meus filhos me perguntavam o que fazer, me senti horrível por não saber dar uma resposta. Acabamos no viaduto.
- Os gestores não sabiam o que fazer, estavam perdidos.
- Senti uma dor enorme quando retornei para ajudar depois que a água baixou. Tinha uma idosa tirando areia de dentro de casa sozinha. Ela se sentou do meu lado e desabafou, dizendo que tinha vontade de desistir.
- Estamos tendo muitos suicídios. Desde o início do ano foram 9 pessoas que se mataram.

ANOTAÇÕES EQUIPE

- Foi despreparo e falta de conscientização da população. As pessoas não acreditaram e não se prepararam. Não confiaram nos alertas.
- Não consegui falar com ninguém, pois não tinha contato.
- Em muitos casos que as pessoas recebiam o socorro, as pessoas não queriam sair, queriam ficar em suas casas.
- A falta de comunicação dificultou os resgates.
- Depois que saí de casa mudei muitas vezes com a família e animais, em um certo momento fui para cima da ponte. Quando perguntei aos bombeiros para onde ir a resposta foi “eu não sei”. Os bombeiros não tinham informação de nada.
- Tiramos de casa tudo o que dava para tirar, sabíamos que o que ficou não ia sobrar. Não sabia para quem pedir ajuda, sentimento de impotência. Fui para um bairro que não alagava, mas que alagou. Quem estava ali, estava alienado, sem nada de informações.
- Em um ano fui atingido quatro vezes.
- Recebíamos informações desconexas, não houve verticalização das informações.
- Faltou atuação do poder público, não estavam à frente das decisões.
- Não tinha liderança e faltou segurança para as pessoas. Muita criminalidade.
- Despreparo da cidade e falta de informações. Muita incerteza sobre saber se as pessoas estavam vivas.
- Estamos acostumados com as enchentes, mas não nessa magnitude. Não tínhamos equipamentos para salvamento.
- Não acreditamos na proporção da enchente. Será que vamos sair daqui com vida?
- Tinha uma casa que sempre abrigava pessoas. As pessoas que ajudaram a tirar as coisas. Sem luz, sem sinal de internet. Fui para os vizinhos, mas não podia levar meus animais. Na minha rua não entrava nenhuma ajuda, um jet-sky salvou.
- O município estava muito despreparado, mesmo sabendo que havia muita água. Carros passando com som avisando. Ficar sem saber qual era um local seguro.
- Ficamos em 1000 pessoas dentro de uma empresa. Levei uma mochila.
- Não acreditamos nos meios de comunicação
- Os abrigos não estavam preparados. Não havia espaços preparados. Me senti um rato, apavorado, sem ter para onde ir.

- Recebemos informações desconexas. Líderes da comunidade não tinham informações (prefeitura e defesa civil). Foi o povo pelo povo.
- Ficamos 40 dias em Mariana Pimentel sem comunicação.
- Os animais não foram resgatados.
- Gritos sem saber para onde ir.
- A porta trancou e não abria, tivemos que pular da janela.
- União dos vizinhos.
- Mãe, o que está acontecendo?
- Medo de passar com o carro dentro d'água sem enxergar.
- Tragédia! Mas e se tivesse um alerta? Falta de comunicação.
- Precisamos de lideranças capacitadas para lidar com a situação.
- Fiz 20 viagens levando pessoas para Guaíba. Os abrigos estavam superlotados. As pessoas estavam amontoadas como animais. Faltou segurança nos abrigos.
- Toda vez que chove tem amigos que não dormem.
- Consegui um barco para ajudar Eldorado. Meu filho meu disse. Pai, só não vai morrer. Pesado a responsabilidade de salvar vidas. Omissão de informações.
- Não ter contato com ninguém e ter que me separar da minha família e amigos sem ter informações.

Momento 2: Olhar para o futuro (quais as demandas da comunidade).

ANOTAÇÕES DO FACILITADOR

- Necessidade de estudos e diagnósticos do que aconteceu, entendendo as falhas ocorridas e identificação de soluções
- Necessidade de ter um planejamento para evitar mortes. Acredito que tivemos muito mais mortes do que foi registrado.
- Necessidade de ter rotas de fuga
- Necessidade de se repensar as construções. Processos construtivos alternativos com casas flutuantes que se elevem com a inundação.
- Necessidade de formação/capacitação para qualificar a mão de obra no município e garantir renda.
- Necessidade de melhorar a comunicação para que a população receba informações adequadas.
- Necessidade de qualificar a gestão pública para lidar com os desastres.
- Necessidade de mais planejamento dos órgãos municipais, estaduais e federais.
- Necessidade de planejamento da evacuação. Precisamos saber como fazer.

- Necessidade de locais para abrigo seguro.
- Precisamos saber como sair e para onde ir.
- Necessidade de ter monitoramento meteorológico e hidrológico para acompanhar os níveis dos rios.
- Necessidade de dragagem dos rios
- Necessidade de recuperar os sistemas de drenagem
- Necessidade de treinamento aos alunos.
- Necessidade de kits básicos para se ter em casa.
- Necessidade de se ter uma rádio comunitária.
- Necessidade de equipar melhor os socorristas (barcos, coletes salva vidas e tudo mais)
- Necessidade de ter um planejamento com a ordem de evacuação priorizando as zonas da cidade que são diferentemente afetadas.
- Necessidade de revisar as formas de apoio pós desastre, bem como os requisitos de quem ganha ou não apoio. Muita gente que precisa não foi contemplada.
- Necessidade de ampliar a participação de moradores. Realizar mais rodas de conversas.
- Necessidade de mobilizar as pessoas para que não deixem o município.
- Pensar estratégias para manutenção e retorno das pessoas.
- Qualificar a percepção de riscos da população.
- Instituir comitê de crise, que tenha planejamento.
- Necessidade de planos de contingência.
- Necessidade da existência de ferramentas de gerenciamento do desastre com informações agrupadas em um único local, auxiliando gestores e comunidade no momento do desastre.
- Necessidade de desassoreamento dos rios.
- Cada bairro deveria ter equipamento de salvamento
- Equipar equipes por áreas da cidade. Ter equipamentos disponíveis para salvamento armazenados em áreas prioritárias.
- Necessidade de garantir abrigos seguros. Já devem estar identificados antes do desastre, inclusive identificando onde cada área da cidade será acolhida.
- Necessidade de um planejamento para saber onde ir.
- Necessidade do Estado garantir a segurança do patrimônio no desastre
- Necessidade de centros humanitários.
- Necessidade de levantamento de prioridades para resgates
- Necessidade de garantir comunicação durante o desastre.

ANOTAÇÕES DA EQUIPE

- Educação ambiental nas escolas
- Estudos do que aconteceu. Analisar as falhas para não se repetir.
- O Poder público deve estar mais ativo. Melhorar a comunicação. Prefeitura mais preparada.
- Mais planejamento dos órgãos para planos para novas enchentes. Evacuação com segurança. Abrigos mais preparados e seguros. Transporte para as pessoas saírem e retirar seus pertences.
- Auxílios mais claros e ter auxílio para todos que foram afetados.
- Treinamento nas escolas sobre as enchentes. Cultura de enchente.
- Rádio comunitária para alertas.
- Informações organizadas.
- Necessidade de feiras cooperativas e chamar pessoas para trazer investimentos para o município.
- Casa sustentável/flutuante
- Casas com tecnologias palafitas.
- Reaproveitamento da água
- Capacitação da comunidade para o trabalho (tecnologia, serviços e comércio)
- Necessidade de se ter equipamentos (jet-sky, barcos, drones)
- Local para acessar equipamentos de salvamento e pronto socorro em cada bairro
- Ter informações sobre prognósticos da inundação
- Aprender com os erros
- Fortalecimento do engajamento comunitário.
- Construção coletiva e participação comunitária.
- Criação de comitê de crise.
- Ter líderes comunitários com qualificação
- Rádio ou outras formas de comunicação para além da internet
- Ter balsas
- Ter critérios de prioridade para os resgates
- Apoio à saúde mental pós-trauma. Cansaço/Desinteresse/Auxílio a pessoas de baixa renda para poderem se tratar.
- Ter locais seguros
- Construção de centros humanitários.
- Cruzamento de dados/Ferramentas oficiais para ver quem estava perdido.
- Ter um canal oficial dos órgãos públicos para comunicação.
- Planos de contingência

- Rotas de fuga
- Planejamento para evitar mortes
- Resolver o programa de compra de casas assistidas. As pessoas não sabem como acessar seus direitos. Demora para conseguir. Eu quero sair daqui.
- Monitoramento das chuvas.
- Dragagem dos rios e drenagem/troca dos esgotos pluviais.
- Mobilizar a cidade, pois a cidade está virando fantasma. Engajamento comunitário.
- Criar mecanismo para tornar a evacuação obrigatória.
- Equipamentos suficientes e investimentos em equipamentos de segurança.
- Todo ano é a mesma coisa. Dessa vez fomos notados, pois pegou em outros lugares. Sem saber o que fazer, sem comida, sem apoio, sem condições dignas.

Momento 3: priorização de demandas

- Qualificar a comunicação – informações sobre o que está acontecendo e o que fazer.
- Encontrar soluções para garantir a continuidade da comunicação entre as pessoas, mesmo quando a internet não está mais acessível.
- Planejamento adequado em todas as fases da gestão de risco de desastre, considerando prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação.
- Monitoramento e alertas eficazes de forma a informar adequadamente a população sobre a magnitude do desastre e momento para a evacuação.
- Plano de contingência bem detalhado, contendo priorização de evacuação por zonas da cidade, mapeamento de vulneráveis, rotas de fuga, localização de abrigos seguros e gestão com priorização de salvamentos.
- Capacitação de múltiplos atores: gestores, técnicos, socorristas, comunidade.
- Programa de atendimento psicológico para a recuperação.
- Promover estratégias para articulação comunitária
- Fomento da economia municipal para garantir permanência e retorno de moradores.
- Qualificar instrumentos de apoio a resposta, garantindo que os equipamentos para salvamento estejam disponíveis em quantidade e na localização necessária.

